

De onde vem a resistencia?¹

Maria Lia Avelar da Fonte²

¹ Trabalho apresentado na Jornada Freud-lacaniana.

² Médica, psicanalista membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil.

De onde vem a resistência?

“A terra da verdade é uma ilha, rodeada por um oceano largo e tormentoso, a região da ilusão; onde muitos nevoeiros, muitos icebergs, parecem ao marinheiro, em sua viagem de descoberta, um novo país; e, ao mesmo tempo em que o iludem com vãs esperanças, podem ser conduzidas a um bom termo.” Kant, Crítica da Razão Pura, Analítica Transcendental, Livro III, Cap. 3.

Introdução

Falar de resistência reenvia-nos, mais uma vez, aos primórdios da psicanálise. Foi como obstáculo à elucidação dos sintomas e à progressão do tratamento que a resistência foi descoberta, permitindo a Freud elaborar e desenvolver o conceito de recalque, pedra fundante de sua teoria.

Desde então, não cessamos de encontrar, nos relatos de analistas, referências aos sinais de resistência manifestados por analisantes durante o tratamento.

Lacan, ao investigar os efeitos produzidos na análise pela pessoa do analista, afirma que não há outra resistência à análise, senão a do próprio analista.

O que Lacan quer dizer com isso? O que ocorre com o analisante durante uma análise? Quais as formas de resistir?

Será em torno dessa idéia que tentarei desenvolver este trabalho, por conduzir a questões polêmicas, cujos desdobramentos trazem consigo implicações à nossa prática.

Resistência: um fenômeno que provém do inconsciente

O conceito de resistência foi introduzido cedo por Freud e pode-se dizer que exerceu um papel decisivo no surgimento da psicanálise; foi definido com um

fenômeno próprio e necessário ao tratamento, dificultador do acesso do sujeito à sua determinação inconsciente, modo do recalque se fazer representar.

Nas aulas com Charcot, experiências com a hipnose mostravam que era possível provocar ou suprimir sintomas, sem que disso o paciente tivesse conhecimento.

Ao observar os mesmos fenômenos em suas histéricas, Freud foi levado a desenvolver, juntamente com Breuer, a hipótese de um pensamento separado da consciência. Começou, então, a ser elaborada a idéia de defesa e, só mais tarde, quando por razões éticas Freud abandonou definitivamente a hipnose, pôde melhor desenvolvê-la.

Considerou legítima a resistência maciça que lhe opunha um grande número de pacientes não hipnotizáveis, constatando, inclusive, que, mesmo os resultados mais brilhantes, podiam ser subitamente eliminados, caso sua relação pessoal com eles viesse a ser perturbada. Doravante, a prioridade recairia no que se instituiu com a regra fundamental da Psicanálise, método da livre associação, em que o próprio sujeito iria reintegrar, através de sua palavra, as representações inacessíveis.

Esta mudança na técnica permitiu a observação de uma ação recíproca de forças, cuja compreensão proporcionaria um fundamento sólido à teoria psicanalítica, indicando que a mesma força psíquica, que originalmente impelira a lembrança para fora da associação, tornava agora difícil o seu retorno à memória.

Freud insistia para que o paciente comunicasse qualquer coisa que lhe viesse à cabeça; mas, tanto a sua insistência, quanto os esforços daquele para relembrar o fato traumático, esbarravam na resistência que surgia como obstáculo à rememoração, indicando a dificuldade da idéia patogênica recalçada tornar-se consciente. A partir daí, foi formulada a hipótese de um núcleo central em torno do qual estariam dispostas concêntricamente as lembranças recalçadas e, quanto mais próximas estivessem desse núcleo, maior seria a resistência encontrada.

A resistência e a segunda tópica freudiana

Com o surgimento da segunda tópica portando as noções de id, ego e superego, a resistência passou a ser definida como um mecanismo de defesa, referível ao eu; o conflito defensivo, antes operado pelos sistemas pré-consciente/consciente sobre o inconsciente, deslocou-se para a oposição do ego ao recalçado.

Tal reformulação deu origem ao aparecimento de erros e equívocos entre os analistas da época, provocando desvios na condução do tratamento, levando Lacan a dedicar vários anos de seu ensino a uma releitura minuciosa dos textos freudianos com o objetivo de desalojar a impropriedade conceitual vigente, que,

por si só, já era suficiente para revelar o quanto era discordante do que Freud transmitiu.

Dentre as concepções mais criticadas, destacamos a teoria geneticista de Anna Freud, cuja prática clínica sustentava-se nos mecanismos de defesa do eu; a teoria de K. Abraham, fundamentada na relação de objeto, privilegiando a relação intersubjetiva e as teorias sobre transferência erigidas em torno da relação dual, elaboradas por Ferenczi, Strachey e Ballint.

Tais fundamentos conduziam a uma prática qualificada como nefasta, com manipulação psicológica do sujeito, favorecendo, portanto, a unidade de seu eu, contrariamente ao que se pretende numa análise.

Contudo, Freud nunca abandonou a idéia de uma resistência inconsciente e manteve esse ponto de vista num texto de 1926 (Inibição, Sintoma e Angústia), ao lado das três resistências do eu (recalcamento, resistência à transferência e ganho secundário da doença) e de mais outra relacionada ao supereu, que articula culpa inconsciente e necessidade de castigo.

A resistência do discurso

Se, desde o início, Freud deu prioridade ao discurso das histéricas, é porque acreditava ser esta a via que conduziria à verdade de seu desejo. Sob a pressão de suas mãos, assegurava-lhes de que, enquanto esta durasse, veriam diante de si uma recordação sob a forma de um quadro, ou em pensamentos sob a forma de uma idéia. Pedia-lhes, encarecidamente, que lhe comunicassem esse quadro ou idéia, quaisquer que fossem. Insistia para que não os mantivessem consigo mesmos, nem por pensar que não eram o que se desejava, ou a coisa certa, nem porque seria muito desagradável contá-los.

Recomendava que não houvesse nenhuma crítica, nenhuma reticência, quer por motivos emocionais, quer porque os julgassem sem importância. “Só assim podemos encontrar o que estamos procurando”, dizia ele.

Sabemos o quanto de descontinuidade possuem as produções do inconsciente e, quando algo de mais autêntico está prestes a ser formulado, a enunciação se esvaece e o inconsciente fica sem voz. Quando, numa situação de análise, o discurso do analisante aproxima-se daquele que seria considerado o último e o bom, o que conduziria à palavra de revelação, o sujeito se interrompe e, diante da presença do analista, faz surgir a transferência que satisfaz a resistência.

Freud, no esquecimento de Signorelli, ao situar-se diante da emergência de uma palavra verídica, de uma palavra que revelaria o seu mais profundo segredo, não pode mais ligar-se ao seu interlocutor, senão pelos restos dessa palavra.

Partindo da fórmula “o inconsciente está estruturado como linguagem”, Lacan vai orientar a questão da resistência para o que chamou a resistência própria do discurso, organizado de tal forma a ignorar tudo aquilo que o causou, porque nisso há um Real impossível de dizer.

O discurso situado no registro do imaginário não possui, assim como o inconsciente, uma estrutura de linguagem, de maneira que nenhum trabalho que se realize ao nível do eu poderia dar acesso às representações inconscientes.

A escuta do analista, a justeza de suas interpretações, é o que outorga ao discurso sua dimensão significante. Caso contrário, prevalece sua condição de signo, silenciando e enfraquecendo cada vez mais o sujeito do inconsciente.

O sujeito constitui-se pelo discurso do Outro, condição indispensável para sua introdução no universo simbólico. No entanto, seu advento como sujeito efeito de significante porta também sua alienação na e pela linguagem. Por não poder representar-se em seu próprio discurso, por permanecer oculto na dimensão da linguagem, o sujeito fica impedido de falar por si mesmo a verdade que o habita.

Nos momentos de resistência, apreendemos, no discurso, a função do eu como sede do desconhecimento: o sujeito diz mais do que pensa dizer. Ao analista, cabe escuta-lo, pois é a ele, enquanto lugar Outro, que se dirige esse discurso sustentado na forma alienada do ser que se chama eu.

Cada discurso tem sua lógica própria, alheia à verdade. É essa independência à verdade que lhe dá o caráter de resistência.

O efeito terapêutico torna-se insuportável ao paciente, que reage a qualquer sinal de melhora e parece indignar-se caso não seja cultuado o seu sofrimento. O mal estar diante da cura encontra-se articulado a uma necessidade inconsciente de castigo, sustentada numa satisfação pulsional, tal que, se o analista não introduz na cena o gozo que comporta o ato, a análise fica comprometida, e a resistência que aí se instala contrapõe-se a qualquer possibilidade de mudança, devendo tudo permanecer como está.

Lacan refere-se à reação terapêutica negativa como “a maldição assumida da vida que não quer curar-se; aquilo que na vida pode preferir a morte”, remetendo-nos ao campo de das Ding, do gozo fixado à Coisa.

Como vimos, o conceito de resistência provoca controvérsias. Sua conceitualização relaciona-se diretamente ao modo de ação do analista e aos princípios norteadores de sua prática.

Se é legítimo ao analisante resistir, ao analista cabe, como diz Lacan, agir como um bom cozinheiro, que sabe cortar bem o animal, destacando a articulação nos pontos de menor resistência.

Bibliografia

Chemana, R. Dicionário de Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

Dorgeuille e Chemana. Dicionário de Psicanálise: Freud e Lacan I. Salvador: Agalma, 1994

Freud, S, (1893-95). Estudos sobre Histeria. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. (1923). O Ego e o Id. ESB. Obras Psicológicas Completas, v. XIX . Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. ESB. Obras Psicológicas Completas, v. XIX . Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. (1926). Inibição, Sintoma e Ansiedade. ESB. Obras Psicológicas Completas, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

Lacan, J. (1953-54). Seminário I. Os Escritos Técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

_____. (1960-61). Seminário VIII. A Transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. (1958). Registro do Colóquio de Royaumont. A Direção da Cura e os Princípios de seu Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Mezan, R. Freud: A Trama dos Conceitos. São Paulo: Perspectiva ,1989

Mannoni, M. Um saber que não se sabe; a experiência analítica. – Campinas: Papirus, 1989

Roza, G. Introdução à Metapsicologia Freudiana III. Rio de Janeiro: Zahar, 1995